

# Desunida, oposição perde força política no Congresso

Bancadas do PMDB, PDT e PT armam estratégias de acordo com interesses de seus candidatos para 1994

RICARDO AMARAL

BRASÍLIA — Somados, eles representam 248 votos na Câmara — 4 deputados menos que a maioria absoluta de 252 votos. Distribuídos entre 7 legendas, do PMDB (110 deputados) ao PCB (apenas 3), os partidos que fazem oposição ao governo Collor não conseguiram ainda dominar o Congresso ou a cena política na proporção de seus votos. Por um motivo simples, segundo avalia o líder do PSB (11 deputados), José Carlos Sabóia: "A crise do governo Collor precipitou a sucessão presidencial, trazendo para o Congresso a disputa entre pelo menos três candidatos de oposição."

De fato, as bancadas têm se comportado de acordo com os interesses de curto ou longo prazos dos candidatos Orestes Quêrcia (PMDB), Leonel Brizola (PDT) e Luiz Inácio Lula da Silva (PT). "Isso é péssimo para a unidade das oposições", acrescenta Sabóia.

Nessa corrida, o PMDB largou primeiro, quando rompeu a frente que tentava impor uma política salarial diferente da prevista pela Medida Provisória 295 e negociou um acordo diretamente com o governo. "Não podemos servir de palanque para o PT e o PDT", disse na ocasião o deputado Alberto Gol-

## Força desunida

*Partidos de oposição têm maiores bancadas na Câmara*

### OPOSIÇÃO

PMDB	110
PDT	46
PSDB	38
PT	35
PSB	11
PC do B	5
PCB	3
<b>Total</b>	<b>248</b>

### GOVERNO

Bloco (PFL-PRN-PSC-PMN)	129
PDC	22
<b>Total</b>	<b>151</b>
<b>INDEPENDENTES</b>	
PDS	43
PTB	38
PL	16
Outros	7
<b>Total</b>	<b>104</b>

dman (PMDB-SP) para justificar a estratégia.

O raciocínio de Goldman, que convenceu toda a bancada, levou o PMDB a reivindicar para a legenda os ganhos salariais obtidos pelo acordo. "Temos um candidato, Quêrcia, e força suficiente para indicar os rumos do Congresso, fazendo oposição ou negociando com o governo", desafia o líder Genivaldo Correia (PMDB-BA).

### ATAQUES

O PDT oscilou entre o comportamento quase sempre radical de sua bancada e o tom conciliador que seu candidato, o governador do Rio, Leonel Brizola, tem dado a seu relacionamento com o presidente Fernando Collor. Acabou tropeçando nas próprias pernas, quando oito de seus depu-

menta Genoino. "É claro que isso terá reflexos na bancada do PDT no Congresso." Por isso, Genoino acredita que PT e PDT estarão unidos "apenas pontualmente" no Congresso.

"O que dificulta um entendimento dentro da esquerda é o comportamento do PT, que tem uma liderança muito competitiva", acusa o vice-líder Luiz Salomão (PDT-RJ). Genoino já declarou, em mais de um encontro com parlamentares de outros partidos de esquerda, que Lula teria hoje "melhores condições" de disputar a Presidência da República do que em 1989. Essa posição causa dificuldades no relacionamento com o PSB, por exemplo, que coligou-se ao PT na última eleição presidencial e não está certo de fazer o mesmo na próxima. "Estaremos aliados ao candidato que tornar viável uma grande frente respeitando a diversidade das forças populares", avisa Sabóia.

O ex-governador Miguel Arraes (PSB-PE) teve recentemente dois longos encontros com Brizola. Também recebeu sinal para conversar com o governo por intermédio de seu amigo senador Ney Maranhão (PRN-PE). Collor estaria em busca de interlocutores à esquerda, segundo Maranhão. Arraes ainda não respondeu ao convite. O fato evidencia, porém, que o presidente está procurando outras brechas entre os partidos de oposição, além da que lhe oferece uma parte do PSDB.